



O Amor na Família

Uma proposta de acolhida da Exortação *Amoris Laetitia* Regional Sul 1 – Assembleia das Igrejas

Objetivos: - conduzir a reflexão sobre a aplicação pastoral da Exortação *Amoris Laetitia* e promover a recepção da mesma nas dioceses do Regional Sul 1

No dia 8 de abril de 2016, o Papa Francisco entregou à Igreja a esperada Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*, escrita por ele a partir das contribuições das duas últimas Assembleias do Sínodo dos Bispos.

Superando a expectativa imediata de resolver questões polêmicas com normativas canônicas e intervenções magisteriais, *Amoris Laetitia* escolhe o caminho da consciência e do discernimento, envolve a Igreja toda num novo impulso evangelizador, voltado para a Família. Assinada em 19 de março, Festa de São José, a longa exortação, com 325 parágrafos apresenta, de maneira alegre e positiva, a Família como caminho de realização e de santidade; a Família e seus desafios no mundo de hoje; a Família vista pelo Magistério da Igreja; o amor familiar e a fecundidade, as situações complexas de fragilidade e necessidade de acolhida e discernimento e, por fim, a espiritualidade da família, igreja doméstica. *Amoris Laetitia* é uma proposta pastoral dirigida a toda a Igreja: ser igreja em saída missionária e, através do acompanhamento às famílias, chegar à humanidade ferida, a todas periferias existenciais, levando o remédio do evangelho.

1. O que é o Sínodo dos bispos?

A palavra Sínodo é a união de duas palavras gregas que, juntas, significam “caminhar juntos”. Trata-se de uma experiência de comunhão e unidade entre todos os bispos da Igreja.

O Sínodo dos Bispos é uma instituição permanente do Colégio episcopal. Foi instituído pelo Beato Paulo VI em 1965 à pedido do Concílio Vaticano II, para manter viva a própria experiência do Concílio.

Periodicamente, o Papa convoca uma Assembleia do Sínodo e, em cada país, a Conferência dos Bispos elege alguns representantes com a tarefa de ajudar com seus conselhos o Papa nas diretrizes pastorais da ação evangelizadora de toda a Igreja.

2. O que é uma “Exortação Apostólica pós-sinodal”?

Como chefe da Igreja, o Papa deve pastoreá-la através de sua palavra e de suas ações. Por isso, escreve diversos tipos de documentos. Um destes tipos é a “Exortação Apostólica pós-sinodal”.

Leva este nome porque é uma "exortação". A palavra exortação (do grego *paraklesis*) significa "animar", "encorajar". Como sucessor de Pedro, o Papa ouve os representantes dos bispos do mundo inteiro acerca dos problemas mais importantes de nosso tempo, e depois se recolhe para escrever uma carta que anime a Igreja a seguir numa determinada direção, sob a inspiração do Espírito Santo.

Uma "Exortação apostólica", portanto, é um documento predominantemente *pastoral*; não procura definir a doutrina, mas nos ajuda fazer o encontro entre a fé e a vida, em nossas comunidades.

3. Contexto eclesial de *Amoris Lætitia*

A preocupação central desse documento é a família, mas no contexto da Nova Evangelização. Desde que assumiu o ministério de Pedro, Papa Francisco não cessa de convidar a Igreja para sair de uma posição cômoda para colocar-se à disposição de todos os homens de nosso tempo.

Em muitos países de antiga tradição cristã, e mesmo em nossos países de mais recente evangelização, o crescente ambiente secularizado está obscurecendo a presença de Deus em nossa sociedade. O homem de nossos dias anda afastado de Deus e cada vez mais ignora o Evangelho. Essa situação está num estado de tão alto agravamento que Bento XVI chegou a falar de um "analfabetismo religioso" em nosso mundo atual. Não é verdade que todos podemos perceber sinais de uma ignorância de Deus que se torna cada dia mais grave?

Papa Francisco, por sua vez, chama a atenção para o resultado imediato disso, que é a "cultura do descartar". Um mundo que marginaliza o Deus da misericórdia não pode ser misericordioso: "Deus não conhece a nossa cultura atual do descartar, Deus não está envolvido nisso. Deus não descarta ninguém; Deus ama a todos, busca a todos: um por um! Ele não conhece essa palavra: 'descartar as pessoas', porque é todo amor e misericórdia" (Audiência geral, 4 de maio de 2015).

Este é o motivo pelo qual é necessária uma Nova Evangelização, que revele ao mundo o Deus da misericórdia através da "Alegria do Evangelho".

4. A Família e a Nova Evangelização

Nós só compreenderemos a importância de *Amoris Lætitia*, porém, se conseguirmos entender qual é o nexo entre a "Nova Evangelização" e a "Família". De fato, não é de hoje que a Igreja percebe a relação profunda entre esses dois temas.

Já em 1974, a 3ª. Assembleia ordinária do Sínodo dos bispos se ocupou sobre o tema da "*Evangelização no mundo moderno*", que proporcionou as proposições necessárias para que o Papa Paulo VI escrevesse, no ano seguinte, a inesquecível Exortação Apostólica pós-sinodal *Evangelii nuntiandi*.

Entretanto, a Igreja percebeu que era necessário reformar toda a pastoral catequética de nossas comunidades, senão não conseguiríamos mais nos comunicar adequadamente com nossos contemporâneos. Por isso, em 1977, a 4ª. Assembleia ordinária do Sínodo dos bispos tratou do tema da "Catequese no nosso tempo", cujas considerações foram recolhidas e

desenvolvidas por São João Paulo II na Exortação Apostólica pós-sinodal *Catechesi tradadæ*, de 1979.

Por fim, entendeu-se que não seria possível promover eficientemente uma pastoral catequética que não envolvesse a família como agente evangelizador. Deste modo, em 1980, a 5ª. Assembleia ordinária do Sínodo dos bispos debruçou-se sobre o tema da "Família Cristã", cujas sugestões foram acolhidas e acrescidas por João Paulo II na Exortação Apostólica pós-sinodal *Familiaris Consortio*, publicada em 1981.

5. Note-se a sequencia: evangelização – catequese – família.

Agora, a Igreja retorna à mesma pedagogia. No início do Novo Milênio, São João Paulo II havia traçado um programa pastoral para os próximos mil anos. Disse ele que "alimentar-nos da Palavra para sermos 'servos da Palavra' no trabalho da evangelização: tal é, sem dúvida, uma prioridade da Igreja ao início do novo milênio... Ao longo destes anos, muitas vezes repeti o apelo à nova evangelização; e faço-o agora uma vez mais" (*Novo Millennium Ineunte*, 40).

Depois de convocar um Sínodo sobre a Eucaristia, realizado sob Bento XVI, a Igreja convocou novamente um Sínodo sobre a Palavra. Foi a 12ª. Assembleia ordinária do Sínodo dos bispos, reunida em 2008, que se ocupou da "Palavra de Deus na vida e na Missão da Igreja", resultando na Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, de 2010.

Mais uma vez, a Igreja percebeu que era necessário dar uma especial atenção aos países de antiga evangelização, nos quais "o sal está perdendo o sabor"... Deste modo, Bento XVI convocou a 13ª. Assembleia ordinária do Sínodo dos bispos, reunida em 2012, para que debatesse o tema da "Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã". Antes, porém, que pudesse publicar a Exortação apostólica referente, ele apresentou sua renúncia ao ministério petrino, sendo sucedido pelo Papa Francisco.

Assim que foi eleito, Francisco retomou o trabalho. Contudo, herdava ele uma herança muito especial: a experiência da V Conferência Geral do CELAM, a Conferência de Aparecida. Ali, as reflexões dos bispos aconteciam sob uma trilha sonora: as orações dos romeiros que vinham de todos os cantos do Brasil para venerarem Nossa Senhora. Aparecida abriu a "Missão Continental", e o elã de uma Igreja de discípulos-missionários foi fermento que levedou não apenas a Igreja latino-americana, mas, com a eleição do primeiro papa latino-americano, levedou a Igreja inteira.

O Sínodo da Nova Evangelização somado à Conferência de Aparecida rendeu, nas mãos de Francisco, a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, que é a Carta Magna do seu ministério, como que a identidade do seu zelo apostólico. É dali que precisamos partir se quisermos entender profundamente o coração do Santo Padre.

"Uma Igreja em saída". Este é o paradigma do primeiro papa jesuíta. E é assim que ele impõe todos os seus discursos. Precisamos ir ao encontro de todos, sem nenhuma discriminação, derramando sobre todos o bálsamo da misericórdia. Somente assim a Igreja poderá reconquistar a credibilidade diante desse mundo secularizado que escolheu viver sem Deus, somente assim ela poderá ser um sinal autêntico de Deus para que os nossos contemporâneos o possam redescobrir.

Todavia, mais uma vez a Igreja encontra diante de si uma dificuldade: não pode haver nova evangelização se não houver famílias evangelizadas e evangelizadoras!

Diante de tantas famílias feridas, o que fazer? Fechar a porta e ir-se habituando com o que não tem jeito? E, em tempos de tantas famílias desconstruídas, é razoável confinar-nos em pequenos grupos de "famílias ideais", deixando de lado milhares de filhos de Deus? Se quisermos recuperar a credibilidade da Igreja, se quisermos mostrar que é possível ainda viver o Reino de Deus pregado por Jesus, temos de nos curvar sobre estas situações dolorosas nas famílias da terra, tais como "bons samaritanos".

Dado o tamanho do desafio, Papa Francisco convocou duas Assembleias sinodais sobre o tema da família, uma extraordinária, em 2014, e outra ordinária, em 2015, "Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização" e "A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo", respectivamente.

É muito importante atentarmos para o fato de que a Exortação Apostólica *Amoris Lætitia* é fruto de dois anos de um aceso debate sinodal e, além de ser um documento do magistério papal, está fundamentado numa amplíssima discussão eclesial. Não é demais dizê-lo, sobretudo quando ainda há pessoas que insistem em polemizar sobre aquilo que é de consenso harmonioso e pacífico na Igreja.

Notamos, assim, mais uma vez, a mesma sequência: ***Palavra – Nova Evangelização – Família.***

Pela segunda vez, a Igreja chega à conclusão de que a família é verdadeiramente uma prioridade pastoral.

6. Pela família, chegar a todos, a começar pelos excluídos

Amoris Lætitia é um documento longo. Tem a marca quase "verbal" do Papa Francisco. Seu estilo simples e direto, repetitivo e enfático, cheio de realidade prática, atrai mesmo o leitor distante da Igreja. Ele pede que não tenhamos pressa em ler o documento. Tem consciência de que demanda tempo e caminho para perceber o alcance da sua proposta. ("O tempo é superior ao espaço", ele repete.) Chega a "fatiar" a Exortação recomendando aos casais que comecem lendo o capítulo 4º e 5º, que fala do amor. Aos pastores e agentes de pastoral ele recomenda o 6º capítulo. A todos, no entanto, pede atenção ao 8º, que é o capítulo das situações familiares mais complicadas, das fragilidades e feridas.

Em "*Amoris Lætitia*", a Igreja faz uma opção: escolhemos todas as famílias e não rejeitaremos nenhuma.

Essa consciência é deveras importante, se quisermos levar a sério a fundamentação pastoral deste documento: somos uma Igreja em saída, ao encontro das famílias, especialmente das mais acidentadas.

As perspectivas que nos abre Papa Francisco são de horizontes muito vastos. Na realidade, não quer ele que a Pastoral Familiar seja um grupo pastoral a mais em nossas comunidades, quer, ao contrário, que toda a pastoral da Igreja seja conjugada em chave de Pastoral Familiar.

Isso supõe, de todos nós, um esforço extraordinário: reconfigurar toda a nossa ação evangelizadora em termos de uma **Pastoral de Conjunto Familiar**. Trata-se de uma verdadeira reviravolta pastoral, que nos deveria desafiar profundamente.

Aos bispos argentinos da Província de Buenos Aires o Papa escreve:

“É exatamente a caridade pastoral que nos move a sair para encontrar os distanciados e, uma vez encontrados, a iniciar um caminho de acolhida, acompanhamento, discernimento e integração na comunidade eclesial. Sabemos que isto é fadigoso, trata-se de uma pastoral “corpo a corpo”, não satisfeita com mediações programáticas, organizativas ou legais, embora necessárias. Simplesmente: acolher, acompanhar, discernir, integrar.

Destas quatro atitudes pastorais, a menos cultivada e praticada é o discernimento; e considero urgente a formação no discernimento, pessoal e comunitário, em nossos Seminários e Presbitérios. Finalmente, gostaria de recordar que a *Amoris Laetitia* foi o fruto do trabalho e oração de toda a Igreja, com a mediação dos Sínodos e do Papa. Por isso, recomendo-lhes uma catequese completa da Exortação que certamente ajudará no crescimento, consolidação e santidade da família. Novamente, agradeço-lhes pelo trabalho realizado e os animo a seguir adiante, nas diversas comunidades da diocese, com o estudo e a catequese da *Amoris Laetitia*. Por favor, não se esqueçam de rezar e fazer rezar por mim.” (5.9.2016)

Deixemos que as provocações pastorais de Francisco produzam em nós um incômodo, aquela apostólica inquietação: “Ai de mim se não evangelizar”.

7. *Amoris Laetitia* – Cap VI e VIII – Uma pastoral familiar missionária, de misericórdia e proximidade

É no capítulo VI da *Amoris Laetitia* que o Papa oferece algumas pistas pastorais, entendendo como não exaustivas, mas com dois endereços básicos: a) envolver toda a comunidade eclesial; b) direcionar a ação da igreja para as periferias existenciais, sem excluir ninguém. Sugiro aos participantes da Assembleia das Igrejas que releiam os parágrafos citados abaixo, em suas dioceses, junto aos conselhos, movimentos, coordenações, envolvendo todas as pastorais, para que cada uma delas possa dizer em que sentido se sente interpelada a participar da pastoral de conjunto proposta por

São as pistas do Papa Francisco:

1 - Anunciar o Evangelho da Família (Ler AL nn. 200-204)

Esse anúncio exige conversão missionária: em todas as atividades da Igreja, mostrar a família como espaço de realização, caminho de felicidade no qual é preciso apostar com coragem. Na cultura de hoje, marcada pelo provisório, pelo individualismo, pelo consumismo, pela satisfação imediata, pelos conflitos familiares e pela concorrência do mercado, não se pode dar por suposto que os jovens tenham em seu horizonte o desejo de um compromisso por toda a vida. “É na paróquia, família de famílias, que se harmonizam as contribuições de pequenas comunidades, movimentos e associações eclesiais para realizar uma ação pastoral que promova a boa-nova da família. É preciso formar leigos para essa missão. Preparar os pastores para o acompanhamento das famílias. Preparar os futuros padres desde o seminário para essa missão.

(cf AL 202). Não basta inserir uma preocupação genérica com a família nos grandes projetos pastorais. É preciso chegar às famílias, acompanhar “a cada uma e todas as famílias” (cf 200), fazê-las experimentar que o Evangelho da Família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana. É preciso propor valores, denunciar os condicionalismos culturais que impedem uma vida familiar autêntica... (cf 201)

Perguntas: - Qual o papel das pastorais, da juventude, da catequese, da liturgia, dos movimentos e associações nessa proposta de formar uma nova consciência?

- Se o objetivo é atingir a todas as pessoas com a mensagem alegre do amor na família, qual a estratégia mais adequada?

2 - Preparar os noivos para a vida familiar (Ler AL 205-216)

A preparação para a vida familiar não pode se reduzir a um breve cursinho de noivos, em geral realizado quando já estão às vésperas do casamento, preocupados com a cerimônia, convites, festa, casa e compras.

É preciso preparar desde a criança e o jovem, em suas etapas de crescimento, ajuda-los a descobrir o valor e a riqueza do matrimônio. Toda a comunidade eclesial deve se empenhar nesse objetivo.

A preparação imediata para o matrimônio deve conter uma espécie de “iniciação” ao sacramento (cf 207) ligando tudo aos demais sacramentos. São indispensáveis momentos personalizados, dado que o objetivo principal é ajudar a cada um a aprender a amar esta pessoa concreta com quem pretende compartilhar a vida toda.

É preciso que percebam o peso teológico e espiritual do consentimento, para que tenham consciência de que se casam “até que a morte os separe”.

A própria celebração deve ser preparada com cuidado, optando por uma festa simples e austera, sem que “se deixem devorar pela sociedade do consumo e da aparência”.

Levar em conta a vida sacramental, a oração, o sacramento da reconciliação, para iniciar bem a vida conjugal.

Dar atenção especial aos casos de dispensa (mista religião, disparidade, obrigações naturais) e suas consequências na vida conjugal que se vai se iniciar.

Perguntas: - Como as nossas pastorais (crianças, jovens, movimentos) podem articular uma preparação remota ao matrimônio, envolvendo toda a comunidade?

- Que experiências de preparação imediata, acompanhamento personalizado, casais mais maduros e experientes podem trazer para os que se preparam ao casamento?

3 - O acompanhamento nos primeiros anos de casamento (Ler AL 217- 230)

Os primeiros anos de casamento são fundamentais para que o casamento perdure. Há que se ter uma atenção especial de toda a comunidade pelas novas famílias que experimentam todo tipo de crise, desde a simples adaptação de costumes, a saída do ninho materno, amizades e costumes do tempo de solteiro, as economias tratadas em conjunto, o aprendizado do diálogo, o relacionamento com a família do cônjuge, a chegada do primeiro filho e outras situações novas. Os recém casados têm de completar aquele percurso que deveria ter sido feito durante o noivado. Entender que o casamento não é algo pronto, mas em construção faz com que enfrentem os desafios com paciência, compreensão, tolerância e generosidade.

Casais com experiência e boa vontade poderão mostrar aos recém casados que não se pode entender o casamento como algo acabado, mas sim em construção. O fato é que a atração física com o tempo vai diminuindo, e que uma vaga afetividade não consegue alimentar a relação por muito tempo. É preciso aprofundar e enriquecer uma decisão consciente e livre de

se pertencerem e de se amarem até o fim. Aprender que a benção recebida no casamento deve ter continuidade na vida de oração, na eucaristia semanal, na vida comunitária. É sempre bom recordar que o sacramento da reconciliação é pedagogia divina no caminho da superação das dificuldades e busca da santidade. Um bom acompanhamento pode ajudar também o novo casal quanto ao acolhimento generoso do dom dos filhos e quanto aos métodos adequados para planejar a vinda deles.

Perguntas: - Ao casar-se os noivos mudam de residência, muitas vezes não se integram em sua nova comunidade, às vezes se fecham num perigoso isolamento, não buscam ajuda nas crises e dificuldades. Que estratégias e recursos facilitariam a busca e o acompanhamento desses irmãos, em período tão delicado é importante para o futuro da vida familiar?

- que características devem ter os encontro, retiros e outras atividade de grupo dirigidas a esse segmento, promovidas em conjunto pela paróquia, apenas para acompanha-los e oferecer o pronto apoio nas necessidades?

4 - O remédio para as crises do casamento (Ler AL 231-258)

“A história de uma família é marcada por crises de todo gênero, que são parte de sua dramática beleza”. Casais experientes devem estar prontos a acompanhar outros, para que as crises não cheguem a causar danos irreparáveis. Nas crises, é muito comum que os casais se isolem, não queiram ajuda. É preciso vencer essa barreira. Os anos trazem cansaços, sofrimentos vividos no silêncio, mudanças não absorvidas, erros não devidamente superados. Feridas mal curadas ameaçam infeccionar todo o tecido familiar. Chegar juntos a um saudável amadurecimento é um sonho que pode não se realizar se não houver um acompanhamento da comunidade, papel imprescindível dos grupos paroquiais, dos movimentos e associações, com o remédio da oração e a força dos sacramentos. E quando a inevitável separação acontece, mais ainda se faz necessário o acompanhamento, a mediação, o discernimento maduro, o encaminhamento de decisões tomadas em meio a tensões e sofrimentos. É necessário o acompanhamento mais do que nunca, para que as pessoas que se separam possam sentir que fazem parte da igreja, que não estão abandonados à sua sorte. Os filhos merecem especial atenção neste momento. Em muitos casos, o acesso à declaração de nulidade, que foi amplamente facilitado pelo Papa Francisco, pode ser um remédio de misericórdia para os que querem voltar à vida sacramental, depois de uma nova união. Situações complexas como os matrimônios de mista religião e disparidade de culto, as famílias que têm em seu meio pessoas com tendência homossexual, famílias monoparentais e aquelas afligidas pela pobreza, merecem, entre outros casos, acompanhamento atencioso e caridoso.

Há ainda as situações de perda, de luto e de sofrimento quando a enfermidade e a morte visitam uma família. Abandonar essas famílias num momento assim, além da falta de misericórdia, acaba por afasta-las da comunidade para sempre.

Perguntas: - Os movimentos e grupos de espiritualidade estariam dispostos a se unir em uma frente paroquial de famílias missionárias, com o objetivo de chegar a todas as famílias, para iluminar as crises e dificuldades com um acompanhamento permanente e próximo?

- Como formar leigos e clero para acompanhar com competência encaminhar questões mais complexas, ajudando os casais a curar as feridas e crescer em solidez na vida conjugal e familiar?

5 - Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade (Ler AL 291-312)

Sem deixar de propor e convidar os casais à perfeição do ideal matrimonial, “a Igreja deve acompanhar com atenção e solícitude os seus filhos mais frágeis, marcado pelo amor ferido e extraviado”.

Algumas formas de união contradizem o ideal do matrimônio fiel e indissolúvel, consagrado pelo sacramento, ou o realizam de forma parcial. Há um mundo de situações de sofrimento que fez o papa Francisco muitas vezes referir-se à Igreja como se ela fosse um “hospital de campanha” a socorrer os feridos. Levar a misericórdia de Deus a todos, sem exceção, implica em ir ao encontro de mães solteiras, crianças sem pais, mulheres que, sozinhas tem que buscar o sustento e garantir educação dos filhos, deficientes que pedem proximidade, jovens que lutam contra a dependência, pessoas solteiras, separadas ou viúvas que experimentam a solidão, idosos e doentes que não recebem o apoio dos filhos, crianças que sofrem violência e abuso.

De fato a proposta de fundo da Amoris Laetitia aparece bem nos parágrafos do capítulo VIII: através da família envolver a igreja inteira num esforço missionário, que chegue a todas as periferias existenciais.

Perguntas: - Que configuração deveria ter uma NOVA pastoral familiar a partir da Amoris Laetitia?

- Que passos seriam necessários para termos famílias evangelizadas e evangelizadoras, em abertura missionária, chegando a todas as periferias essenciais da existência?